

COMEMORAR, CELEBRAR, REFLETIR?

Maria Izilda Santos de Matos*

Arruda, José Jobson de Andrade. *O trágico V Centenário do Descobrimento do Brasil. Comemorar, celebrar, refletir*. São Paulo, Edusc, 1999.

Lembrando que as “comemorações, como xamãs da história, invocam o passado” o autor inicia seu livro, no qual discute a temática procurando perceber como diferentes presentes deixaram faces iluminadas e perfis nublados no seu empenho de comemorar.

Destacando que a história, como esforço de compreensão do passado, nada tem a ver com as comemorações, inicia a análise pelas comemorações medievais, católicas ou não, percorre a Idade Moderna, destacando como marco emblemático a Revolução Francesa, vista como modelo das comemorações laicizadas.

Tendo como foco central da análise o tema no universo luso-brasileiro, dedica um capítulo às comemorações salazaristas, que se propunham a cantar o Império português, procurando entusiasmar os cidadãos e combater o espírito de decadência que já atingia Portugal. Nesse sentido, elegeu heróis – D. Henrique, Vasco da Gama e Camões – que foram convertidos em mitos da missão crucial da história portuguesa, caracterizada pelo vocabulário que compunha o universo simbólico desse momento: “civilizar, missão, epopéia, saga, conquista, heroísmo, descobrimento, império, lusocentrismo”.

A partir da Revolução dos Cravos e da morte do Império português, valores, expressões e palavras de ordem se contraporiam a essas construções. Em novembro de 1986, foi instalada a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP), que desde o início de seus trabalhos se caracterizou pelo espírito crítico, ao reconhecer que a própria palavra “descobrimento comporta um evidente enviesamento do eurocentrismo”.

* Professora Titular da PUC-SP.

Assim, a Comissão, com o rigor da investigação, procura distinguir a propaganda da memória. Questionando o etnocentrismo valoriza os contextos locais da história da expansão portuguesa, como se pode perceber quando das comemorações do V Centenário da Viagem de Vasco da Gama. Nessa ocasião, revisando o mito desse héroi, procurou-se um afastamento da visão lusocêntrica, despindo a roupagem colonialista e revalorizando a qualificação de Portugal como interlocutor. Pretendendo o fortalecimento da solidariedade na comunidade que fala português dispersa nos cinco continentes, elegeu o tema dos *oceanos*, como central para a Expo/98, simbolizando metaforicamente a temática ecológica e a da globalização, procurou-se destacar a relação do homem com o mar, de uma forma intemporal e integrada.

Da mesma forma que as representações imagéticas dos descobrimentos foram revistas, também pode-se perceber toda uma ressemantização do léxico comemoracionista, caindo em desuso as palavras consagradas no período salazarista e incorporando-se, entre outras, expressões como “cultura, pluralidade, confronto, interação, encontro, olhares, sensibilidade, descobertas recíprocas...”.

Centrando seu quarto capítulo nas comemorações oficiais brasileiras, o autor lembra que a Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, criada em maio/1993, só foi implementada em fevereiro/1996 junto ao Ministério das Relações Exteriores. Destacam-se, no programa de ação denominado Diretrizes e Regulamentos (1997), os seguintes temas:

1 – “a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral às costas” brasileiras como marco do descobrimento;

2 – a nação brasileira caracterizada “pela pluralidade étnica e pela diversidade cultural”, reavivando que a identidade brasileira se define pela comunhão de diferentes etnias de convivência cordial;

3 – A trajetória da nação no decurso desses 500 anos como uma “evolução” de realizações do “povo brasileiro” num caminho de ordem direcionado evolutivamente para o progresso.

Tendo como expressões-chaves eleitas: “descobrimto, herança lusitana, pluralidade étnica, caldeamento étnico, agregação social, diversidade cultural, civilização tropical, convivência pacífica”. Como destaca o autor, na ótica da Comissão Brasileira

nascemos pelo descobrimento, crescemos pelo caldeamento de etnias e culturas amparadas no substrato lusitano, vingamos como experiência inédita de civilização tropical... numa convivência relativamente pacífica. Raízes fincadas numa cordialidade de Holanda e nas sociedades cristocêntricas de Freyre. (p. 38)

Cruzando habilmente os diferentes significados das comemorações, o autor destaca que elas são manifestações vivas da história, mas são também dimensões explícitas do lembrar e do esquecer, portanto da memória a partir dos impulsos do presente. As reconstruções do passado revelam a sociedade que comemora, comportando discursos e contradiscursos, tornando as comemorações objetos criativos de reflexão histórica.

Dessa forma, as comemorações do V Centenário visam não só lembrar, mas reificar permanências, e o descobrimento como mito fundador da nação traz no seu cerne contradições, “encobrimentos” que afrontam o presente: genocídio indígena, devastação ambiental, destruição de culturas; fazendo tábula rasa do passado, sob a farsa da elevação do povo brasileiro, comemora-se metafórica e tragicamente a sua degradação.

Torna-se uma inquietante possibilidade de se questionar os descobrimentos das linhas hábeis e críticas de Jobson de Andrade Arruda, pois como diz oportunamente o autor “a comemoração do V centenário opera nos limites extremos da cultura da acomodação, da perda de sentido da história, da memória e do acontecimento” (p. 45).